

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

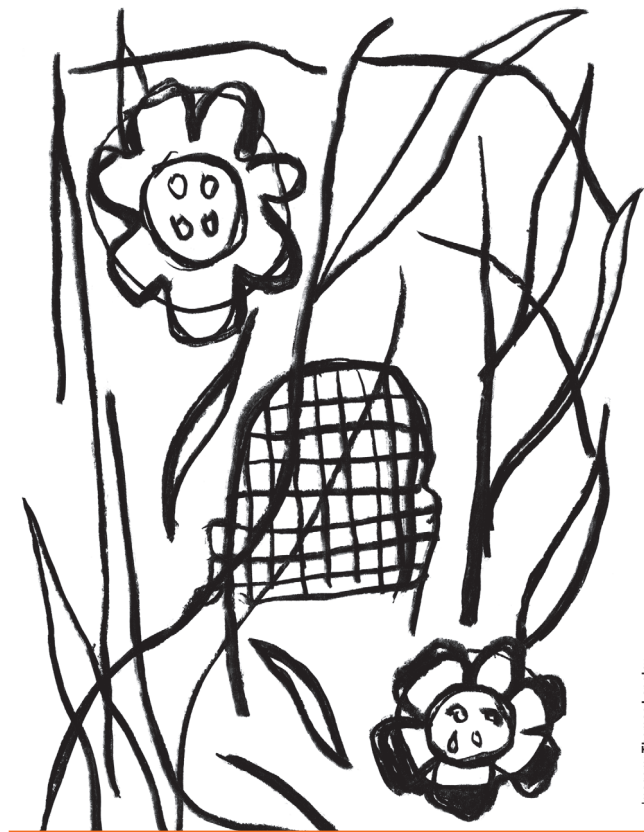


Imagem: Thomas Langley

Needcompany
(Bélgica)

Molly Bloom

A partir do último capítulo de *Ulisses*, de James Joyce
Encenação de Viviane De Muynck e Jan Lauwers

incrível Almadense (Almada)

Salão de Festas

Ter. **20**, Qua. **21**, Qui. **22**, Sex. **23**, e Sáb. **24** de Julho às **20h30**

Dom. **25** às **16h**

Duração: 80 min. • Classificação etária: M/12

Língua: Inglês legendado em português

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Criação e adaptação **Viviane De Muynck • Jan Lauwers**

Dramaturgia **Elke Janssens**

Assistência e coordenação dramaturgica **Melissa Thomas**

Figurinos **Lot Lemm**

Desenho de luz **Ken Hioco • Jan Lauwers**

Director técnico **Ken Hioco**

Produção **Marjolein Demey**

Técnicos **Tijs Michiels • Saul Mombaerts**

Agradecimento **Misha Downey**

Texto português **Jorge Vaz de Carvalho**

Co-produção **Festival Temporada Alta** (Girona)

Festival de Otoño (Madrid) • **La Rose des Vents** (Villeneuve d'Ascq)

La Passerelle (Saint-Brieuc) • **Espaces Pluriels** (Pau)

Com o apoio das autoridades flamengas

Agradecimento pela cedência da tradução **Relógio d'Água**

Para dizer “sim” à vida

Viviane De Muynck conversa com Kasia Tórz

O que é que mudou nas duas décadas desde a sua primeira tentativa ‘não-oficial’ de levar este monólogo à cena?

Perdemos muita liberdade. O Covid-19 mudou completamente o nosso Mundo. O #MeToo revelou, com razão, a cisão entre a vida tal como ela é e os excessos. Esse movimento tem mais que ver com abuso de poder do que com sexo em si mesmo. Estou curiosa acerca de como será visto e sentido o monólogo de Molly Bloom — um texto tão cheio de luxúria pela vida, uma descrição de *como fazê-lo*. O monólogo de Molly é bastante político, dada a forma provocadora e directa como aborda a sexualidade.

Incomoda-a que este texto tenha sido escrito por um homem?

De modo algum. Adoro o trabalho de Joyce. Ele foi honesto e observador, ao escrever sobre coisas sobre as quais mais ninguém escreveu. O seu poder único é ser capaz de criar um mundo, ou tirar da realidade elementos que transporta para a literatura.

Se Molly é a Penélope do séc. XX, quem é a Penélope aqui e agora?

Eu não gostaria de ser uma Penélope do séc. XXI. O mundo tornou-se mais puritano, mais politicamente correcto. Os sentimento hoje em dia têm sobretudo mais que ver com a segurança, com não se criar problemas. Tornámo-nos numa sociedade em que as pessoas têm medo do desconhecido. Precisamos de subculturas, que não devem ser absorvidas pelo sistema, como aconteceu na década de 1970.

E como pode o teatro contribuir para isso?

Não é que o teatro queira chocar, mas existe beleza na desmesura, na assunção de riscos. Isso é algo fundamental. As coisas mais interessantes acontecem nas fronteiras das franjas da sociedade. E quando as pessoas passam por cima dessas coisas, revelam outras. Molly Bloom é um instrumento que nos ajuda a compreender, ou a sentir, essas fronteiras, a ultrapassar e a voltar de novo. Ela diz “sim” à vida — mesmo perante a adversidade. Se não existe risco, então porquê incomodarmo-nos? Nunca tive medo de aterrar com a cara na lama.

Alimentou a personalidade de Molly com as suas experiências?

Nunca começo por procurar uma personagem. Procuo pensamentos que constituam uma *persona*. Molly Bloom penetra na crueza da sua memória. A minha história como mulher é diferente da dela. Tive uma educação severa, e o único feitiço selvagem que vivi foi no final da década de 1960. Esta abundância de carne que ela tem, eu nem sempre a tive. As duas coisas mais difíceis para mim na vida são: amarmo-nos e perdoarmo-nos a nós próprios. Aceitar quem somos. Hoje em dia as mulheres jovens são muito mais livres, e muito mais seguras de si mesmas. No meu tempo era diferente.

Antuérpia, 9 de Julho de 2020